

## O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EAD

Lúcia Chaves de O. Lima<sup>1</sup>, Washintiane Patrícia B. da S. Carvalho<sup>2</sup>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

### RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo relatar a experiência com o processo de elaboração da escrita (auto)biográfica de alunos do Profuncionário participantes de quatro habilitações: secretária escolar, alimentação escolar, técnico em multimeios didáticos e técnico em infraestrutura. O estudo torna-se viável para compreender-se a importância da produção escrita na modalidade a distância como também o estímulo a prática recorrente da escrita. Haja vista, a experiência relatada desenvolver-se dentro de um contexto de formação de técnicos da educação escolar na modalidade EaD. Consequentemente como percurso metodológico foram analisadas algumas autobiografias destacando-se pontos marcantes experienciados pelos cursistas ao longo da sua vida, *a posteriori* foram expostos em gráficos o número de alunos que corresponderam as expectativas, produzindo suas autobiografias. Por fim, percebe-se que o gênero além de favorecer a produção escrita dos alunos, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, também promoveu a reflexão a respeito de experiências vividas no decorrer das suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: autobiografia, produção textual, educação a distância, ensinoaprendizagem.

### THE AUTOBIOGRAPHICAL GENDER: AN EXPERIENCE REPORT ON DISTANCE-LEARNING COURSE

#### ABSTRACT

This article aims to report the experience with the elaboration process of writing (auto) biographical from students of "Profuncionário" which are participating in four qualifications: school secretary, school nourishment, multimedia didactic technician and infrastructure technician. The study becomes possible to understand the importance of the written production in the distance-learning course as well as the stimulus at the recurring writing practice. Therefore, the reported experience develops itself within a context of graduation of education technicians in the distancelearning mode. Consequently, as a methodological approach, some autobiographies were analyzed highlighting events experienced by course participants throughout their lives, *a posteriori* the number of students that matched expectations were exposed in graphs, producing their autobiographies. Finally, it is noticed that the genre besides favoring the students' writing production, contributing to the process of teaching and learning, also promoted reflection about experiences throughout their lives.

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN.

KEYWORDS: autobiography, textual production, distance education, teaching and learning.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende relatar uma experiência com o processo de elaboração da escrita autobiográfica de alunos, realizada durante a disciplina Produção textual na Educação Escolar (PTEE) do Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação.

O curso faz parte do Programa Nacional de Valorização dos trabalhadores em Educação (PROFUNCIONÁRIO), ministrada na modalidade a distância ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campos Natal EaD. O ProFuncionário é um programa do Ministério da Educação (MEC) e abrange todo o país. Tem por objetivo:

“[...] promover, por meio de Educação à Distância, formação profissional técnica em nível médio de funcionários que atuam nos sistemas de ensino da Educação Básica pública municipal e estadual, com ensino médio concluído ou concomitante a esse, de acordo com a Portaria nº 1.547/2011” (MEC, Setec, 2012).

O curso oferece formação profissional técnica em nível médio a distância, aos funcionários que atuam na educação básica pública e está centrada em quatro habilitações específicas: técnico em Secretaria Escolar, técnico em Multimeios Didáticos, técnico em Alimentação Escolar e técnico em Infraestrutura. De acordo com o Caderno de orientações gerais (MEC, Setec, 2012), a formação técnica dos profissionais consiste em um conjunto de atividade teórico-práticas, investigativas e reflexivas e apontam para:

“...a aquisição e construção crítica de conhecimentos, habilidades e valores que podem contribuir para que os funcionários da educação se tornem educadores competentes e se qualifiquem como pessoas, como cidadãos e como gestores de um determinado espaço escolar, definido em novos perfis profissionais...” (MEC, Setec, 2012. p. 50).

Indo ao encontro dessa proposta de formação e considerando o sujeito em formação, estudantes que são pessoas adultas, funcionários efetivos na educação, que já têm experiência em suas funções cotidianas, propomos na disciplina a construção de conhecimento através da reflexão da prática profissional e de si. Para isso, as atividades de produção textual levaram em conta tanto a identidade do sujeito em formação como as práticas efetivas no ambiente escola.

O objetivo da disciplina foi desenvolver as habilidades de leitura e escrita em documentos oficiais educacionais. Assim, trabalhou-se primeiramente o texto como registro das experiências pessoais, mostrando que o texto é “uma manifestação linguística produzida por alguém, numa situação concreta, com intenção comunicativa determinada” (Olga, 2012. p. 17). Para por em prática o conceito de texto, tratou-se, inicialmente, de uma das funções mais importantes da escrita, contar os eventos marcantes da existência do indivíduo, sua história através de cartas e (auto)biografias. Em seguida, abordou-se a redação de documentos oficiais,

produzindo alguns gêneros textuais do domínio escolar como, por exemplo, relatório, ofício, requerimento, memorando, circular, dentre outros.

Em especial, neste artigo, optou-se por relatar a experiência com o processo de elaboração da primeira atividade realizada, a escrita autobiográfica dos alunos. Para discutir sobre essa atividade selecionou-se alguns trechos de escrita, retirados do fórum de apresentação, do fórum de dúvidas e de algumas autobiografias produzidas durante a disciplina.

No total, analisou-se o desenvolvimento das atividades de 370 alunos matriculados/ativos na disciplina<sup>3</sup>. Não houve a preocupação em selecionar o material de análise por polo, uma vez que não é de interesse deste trabalho comparar resultados, apenas relatar o processo de desenvolvimento da escrita da autobiografia. Por conta disso, decidiu-se não expor a identidade dos autores dos trechos. Selecionaram-se apenas alguns fragmentos mais significativos para discussão.

A escolha do gênero autobiográfico se deu, primeiramente, por ter sido este gênero um elemento motivador na atividade de produção textual. Segundo, por ser esta atividade a primeira a compor o memorial profissional que será realizado ao final do curso, o trabalho de conclusão do curso (TTC).

Segundo Freitas (2012. p. 18), o desenvolvimento desse trabalho permite que o aluno seja avaliado como um todo. Sua construção inclui, dentre outros elementos, o registro de projetos, relatórios, anotações de experiências, resumos de textos, registros de visitas, atividades realizadas, além de ensaios autorreflexivos, que permitam ao cursista discutir as transformações ocorridas em sua vida a partir dos conhecimentos adquiridos no curso.

Observou-se que o perfil do nosso alunado é muito variado, há aqueles que concluíram o ensino médio há pouco tempo, que tem algum conhecimento e domínio das novas tecnologias da informação, mas há aqueles que concluíram o ensino médio há anos e estão há muito tempo sem estudar. Acreditamos que falar de si mesmo, relatar a própria trajetória de vida era um meio motivador para (re)começar a escrever. Segundo Yinger (*apud* ZABALZA, 1994. p. 93) “o fato de escrever arrasta consigo toda uma série de operações que o aproximam muito do processo de aprender”. Na verdade, quando escrevemos não estamos só narrando, estamos também refletindo e nos posicionando diante daquilo que somos ou fizemos, insere nesta escrita, também, nossa subjetividade. Além disso, aprimoramos habilidades de escrita relativas a aspectos linguísticos, textuais e discursivos essenciais na produção do texto.

Apresentamos, a seguir, o percurso metodológico, que compreende o relato do desenvolvimento da produção autobiográfica desde dúvidas e angústias do ato de falar de si e da dificuldade de produção do texto até o relato do texto autobiográfico produzidos pelos alunos. Em seguida, discutiremos sobre a nossa experiência no ensino a distância e, por fim, a conclusão.

---

<sup>3</sup> No total, haviam 436 alunos matriculados na disciplina, no entanto registramos apenas os dados dos alunos matriculados e ativos (370 alunos). Esses alunos estão distribuídos em quatorze polos de apoio: Apodi, Caicó, Currais Novos, João Câmara, Lajes, Macau, Mossoró, Natal EaD, Natal Zona Norte, Nova Cruz, Parnamirim, Pau dos Ferros, Santa Cruz e São Gonçalo.

## **2. PERCURSO METODOLÓGICO**

Durante a disciplina “Produção textual na educação escolar” o nosso principal objetivo era que os discentes fossem apresentados aos gêneros textuais comumente construídos por eles de acordo com seus perfis profissionais. Por isso, *a priori* selecionamos o gênero textual autobiografia com o objetivo de conhecê-los por meio da escrita, contudo alguns fortemente relatavam “não é fácil falar de si próprio”, conforme veremos no resultado desse artigo.

Primeiramente para responder os nossos anseios em relatar as nossas experiências em EaD, propriamente na disciplina ofertada às turmas do Profuncionário, selecionamos o gênero autobiografia de acordo com os perfis profissionais – Multimeios, Secretária escolar, Infraestrutura e Alimentação escolar. De antemão, frisa-se que não a selecionamos priorizando sexo, mérito avaliativo, enquadramento de gênero ou qualquer outro elemento, apenas apresentamos àquelas que chamaram a nossa atenção, especialmente quanto ao envolvimento e reciprocidade do aluno ao construir e enviar a atividade.

Em seguida dessa seleção, comentaremos alguns desses textos apresentando recortes com o ensejo de justificar a importância do trabalho com gêneros textuais, especialmente autobiografias quando essas estimulam além do prazer pela leitura/escrita, elevam a autoestima, principalmente no âmbito da Educação a distância quando enfrentamos vários desafios de evasão por falta de estímulo, dentre outros.

Após a apresentação das autobiografias, construímos gráficos por perfil profissional com o escopo de expor numericamente a reciprocidade dos alunos na realização da atividade como também o interesse. Pois compreendemos que a realização da leitura/escrita nasce a partir que o leitor/escritor encontra-se responsável e inserido no contexto da produção textual.

Por fim, expomos nossa experiência pedagógica na Educação a distância a partir dessa disciplina, especificamente quanto à produção do gênero autobiografia. Dessa forma, enaltece e priorizamos o trabalho com gêneros textuais em sala de aula, valorizando o leitor/escritor como também o contexto e experiências nas quais o produtor está inserido.

## **3. EXPONDO VIDAS**

Neste capítulo, apresentamos a importância do trabalho com os gêneros em sala de aula como também a importância da produção escrita no ambiente virtual. Em seguida, exibimos nossos gráficos como resultado produtivo desse estudo sobre nossas experiências na EaD, demonstrando a reciprocidade e crescimento dos nossos cursistas a partir dessa disciplina.

### **3.1 O GÊNERO EM SALA DE AULA**

Antes de iniciarmos a discussão sobre o gênero em sala de aula, especificamente a autobiografia, acreditamos que cabe uma discussão sobre o estímulo da escrita, pois esta tornou-se inicialmente uma preocupação dos nossos cursistas.

Reconhece-se que a produção escrita é um processo desafiador na sala de aula e o seu estímulo, tarefa particular do professor, tornou-se um processo pedagógico extraordinário por exigir planejamento, organização, tempo, insistência e um constante *feedback* do professor ao aluno. Pois, segundo Cruse e Fontes (2010, p. 04), “O professor desempenha papel crucial enquanto mediador do processo. É ele quem estimula a produção de textos e quem apresenta os materiais que auxiliam os alunos a solucionar os problemas em relação ao que escrevem”.

Dessa forma, segue abaixo algumas declarações<sup>4</sup> dos cursistas sobre a processo da escrita:

1. “Bom está disciplina vai ser um grande desafio para mim, pois não sou boa em escrever, produção textual. [...]”.
2. “Tenho muita dificuldade em me expressar, em escrever texto, conto com você, para que eu possa superar minhas dificuldades ...Abraço”.
3. “Sempre tive muita dificuldade em produzir texto, mas admiro muito quem tem esse dom. No meu ponto de vista é dom magnífico. Vou tentar realizar as atividades para obter bons resultados”.
4. “Tenho dificuldade para fazer textos, geralmente fico enchendo linguiça e sei que me prejudica com isso, mas estou tentando ao máximo enxugar meus textos, sei que não pode ser muito extenso e nem muito curto, tem que ficar no meio termo. O problema é colocar as ideias no papel, falando fica ótimo, mas transferir a ideia central para a escrita, é onde me enrolo, como agora por exemplo”.

(PTEE - Fórum de dúvidas)

Tendo em vista as declarações dos alunos acerca do processo da escrita, percebemos uma preocupação pelo fato de julgarem que não sabem escrever, como se o processo da escrita fosse mais um mérito, um dom, não um exercício recorrente. Assim a partir das preocupações dos cursistas, compreendemos o ponto de vista dos mesmos acerca desse processo encarado como uma habilidade complicada e exigente que segundo Cruse e Fontes (2010, *apud* Skehan 2003), “[...] percebe-se que a escrita é, geralmente, aprendida por meio da instrução formal mais do que pelo processo de aquisição natural”. Haja vista, o papel do professor no ensino tanto presencial quanto à distância é conscientizar que a escrita é uma habilidade que não dispensa o exercício recorrente de leitura e produções escritas tanto na sala de aula quanto fora dela.

No entanto, o processo da escrita não deve ser articulado nem trabalhado fora de um contexto social como também fora da realidade dos gêneros textuais, pois sabemos que a nossa comunicação se realiza por meio dos gêneros do discurso. Dessa maneira o processo de ensino tanto presencial quanto à distância, não se deve esquivar da prática desse conteúdo de ensino. Pois segundo Marcuschi (2002), só podemos nos comunicar por meio de gêneros textuais e conforme a necessidade de comunicação os gêneros se criam, recriam, acabam-se, são textos maleáveis, como também existem milhares: “[...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2002. p. 19). Concomitante pensa Coscarelli (2007. p. 82), mas para que funcione como parte de uma proposta

---

<sup>4</sup> As declarações acima foram retiradas do fórum de dúvidas. Dessa forma, não foram alterados os recursos linguísticos utilizados pelos alunos.

didática, a noção de gênero textual não pode se despir do contexto comunicativo que a reveste.

O gênero autobiografia, que trabalhou-se no I módulo dessa disciplina, é um texto cujo conteúdo é a narração da própria vida do autor: este seleciona fatos que julga importante, experiências vividas para revelar ao seu leitor, ou seja, é um texto que exige do autor coesão, coerência, concisão para que em poucas linhas o leitor possa conhecê-lo por meio de relances da sua vida. Ademais, pode ser escrito em primeira ou terceira pessoa, contudo o escritor deve ser diligente quanto a essa escolha, pois ao escrever em terceira pessoa deve cuidar-se no tempo verbal, em outras palavras, não é fácil falar de si mesmo como se fosse a terceira pessoa. No entanto, essa é uma escolha pessoal que revela o estilo do autor quanto à distância e objetividade dos fatos experienciados. Dentre essas características, a que mais estimula o leitor a mergulhar nas experiências de outrem é o elemento emotivo, em outras palavras, este repercutirá no leitor movimentos de envolvimento pessoal, empatia e comoção diante de fatos superados ou os que ainda serão.

A atividade proposta – produção autobiográfica – tinha como objetivo principal o exercício, por meio da escrita sobre si mesmo, da coesão, coerência, objetividade, precisão, clareza e criatividade. De antemão, propomos à produção de um roteiro antes da escrita propriamente dita: *Qual o seu nome? Quando e onde nasceu? Onde passou a infância? O que você mais gosta de fazer? É casado (a)? Têm filhos? Onde trabalha? Há quanto tempo e se gosta do que faz. Têm projetos de vida (pessoal ou profissional)? Quais?* Dentre outras. Essas questões deveriam ser respondidas ao longo da autobiografia, contudo o aluno não deveria necessariamente estar preso a elas: deveria usar a criatividade e mostra-se conhecido ao seu leitor. Além dessas questões, o aluno tinha como recurso para desfazer suas dúvidas com o seu tutor ou professor, a visita ao fórum de dúvidas. Assim segue abaixo algumas questões<sup>5</sup> apresentadas pelos alunos sobre o gênero:

1. “Bom dia! Gostaria de saber quantas laudas o trabalho deverá conter, estou tentando ser objetiva ao máximo, mas já foram duas laudas, fora a capa e as referências. Escrever sobre nossa vida é uma loucura, do nada aparecem lembranças, dá vontade escrever tudo. Ai lembro do que a unidade 1 fala sobre clareza, coerência, precisão, concisão, objetividade e coesão, e tento seguir as regras, mais sendo bem sincera a "criatividade" se destaca, e tento me controlar e lembrar das demais regras para não construir o memorial só nesse trabalho de autobiografia”.
2. “boa tarde eu nunca fiz uma Autobiografia tentei fazer não se esta correto fica difícil para nos que paramos so no 2 grau a mais de 15 anos .se não estiver correto espero ter a ajuda para concertar e ser melhor orientada”
3. “Professora, a autobiografia que está sendo solicitada nesta disciplina é o mesmo que um resumo da minha vida, incluindo infância, percurso estudantil e trajetória profissional?”
4. “professora, posso falar da minha autobiografia em primeira pessoa? Responda por favor pois, tenho dúvidas”.
5. “Boa tarde! Posso iniciar meu trabalho, relatando minha infância? Um abraço”.

(PTEE - Fórum de dúvidas)

---

<sup>5</sup> As questões listadas acima foram retiradas do fórum de dúvidas. Por isso, não foi alterado nenhum recurso linguístico utilizado pelos cursistas.

Compreende-se, pois, que a prática da escrita por meio dos gêneros tem repercutido resultados frutuosos na sala de aula, principalmente quando o discente possui a consciência que essa prática precisa ser articulada dentro de um contexto com o objetivo de forjar essa prática à realidade. Dessa forma, o gênero produzido em questão produziu nos cursistas um envolvimento afetivo e efetivo por se tratar da escritura das suas histórias. Pois segundo Cruse e Fontes (*apud* Abismara 2001), a respeito dessa prática é que “[...] o fator mais importante em fazer exercícios escritos é que os estudantes precisam se envolver pessoalmente, a fim de tornarem efetiva a experiência”. De modo indiscutível, a autobiografia tocou em questões íntimas e importantes aos alunos, principalmente quando se compreende que esse gênero desnuda o *ethos* do locutor quando objetiva fazer-se conhecido e convencer o interlocutor da veracidade da sua história, produzindo um efeito de positividade diante daquilo que lê. Tendo em vista isso, a teoria da análise do discurso<sup>6</sup> compreende o *ethos* como um elemento presente na comunicação, evidenciado nos gêneros textuais, representado pela voz do locutor que tenta convencer seu interlocutor a respeito da sua imagem e isso muitas vezes é feito sorrateiramente. No pensamento de Nestor (2011. p. 03 *apud* Maingueneau 2006), “o *ethos* é a voz do fiador (enunciador) inserida no texto com a finalidade de fazer com que haja a adesão do enunciatário ao logos que lhe é apresentado”. Contudo, sabe-se que essa voz se presenteia de muitas maneiras nos gêneros, alguns explicitamente, outros implicitamente: por motivo da função do gênero.

Por conseguinte, percebe-se que o gênero autobiografia é típico por conter esse elemento fortemente presente, ou seja, o locutor durante todo seu discurso<sup>7</sup> anseia revelar sua face contando relances de fatos importantes da sua história ou descrevendo sua face com veracidade, objetividade e emotividade, fazendo com que o interlocutor o conheça por meio de um dialogismo e persuasão comumente presente. Percebe-se, de certa forma, que o *ethos* em autobiografias é construído pelo locutor pensando no que espera ler/ouvir o seu interlocutor: “[...] a imagem, que os enunciadores procuram criar, tende a se adequar às expectativas que eles possuem acerca de uma pessoa ou de um público em particular” (*op. cit.*: 04). O gênero torna-se uma ponte entre o *eu* e o *outro* (cf. NESTOR 2011).

Na construção do *ethos* nas autobiografias analisadas<sup>8</sup>, percebe-se o locutor girar em torno de importantes questões identitárias como a religiosidade, vida profissional e vida familiar:

1. “[...] evangélica por convicção [...]. Gosto de passear, viajar, assistir filmes bíblicos (José, Ester, Sansão e Dalila, etc.), ouvir e cantar também músicas gospel [...]”.
2. “No entanto, em 2005 a gestora da época me convidou para assumir a função de auxiliar de secretaria, e, eu aceitei. Primeiro, por ter a capacidade de assumir esta função, e segundo, por me identificar bastante com a parte burocrática. Adoro o que faço”.

---

<sup>6</sup> Não nos aprofundaremos nas questões teóricas em questão, apenas apresentamos a teoria da análise do discurso com respaldo teórico artificial. No entanto, as interpretações das citações são de nossa inteira responsabilidade.

<sup>7</sup> O termo discurso é usado tanto para representar a modalidade escrita quanto a oral.

<sup>8</sup> Os trechos são recortes que foram retirados das autobiografias escritas pelos cursistas na disciplina Produção textual na educação escolar.

3. “Sou muito família, gosto de ficar em casa e buscar diversão em casa mesmo com toda a família”.
4. “Gosto daquilo que faço, pois estou exercendo funções muito importantes [...]. Sou membro da COM VIDA- Comissão de Meio Ambiente para a Qualidade de Vida na Escola. Trabalho com muito amor, principalmente porque não estou distanciado dos alunos. Acredito que a educação está carente de profissionais que amem suas funções”.
5. “Trabalhei dois anos como merendeira e fui readaptada como auxiliar de secretaria. Gosto muito do que faço e sou muito comprometida com meu trabalho, sempre procurei me capacitar para desenvolver bem meu trabalho”.

(PTEE - Autobiografia)

Compreende-se que o locutor durante a sua produção objetiva construir a sua imagem em cima de fatores fundantes na sua história como a família, profissão e religiosidade: por meio desses fatores revela a face de alguém que acredita em Deus, ama sua família e ama sua profissão, exercendo-a com responsabilidade. Entretanto, o locutor também prioriza outros elementos que fazem parte da sua vida como a leitura, entretenimentos e projetos futuros como também sua percepção sobre o curso.

1. “Dentre os projetos de vida, no momento estou realizando um, que é escrever um livro que, aliás, já estou compondo. Meu 1º livro com algumas páginas já redigidas terá um contexto de cunho religioso, com o título ‘Palavra de Deus, caminho de santidade’.”
2. “Apesar de não ter o hábito da leitura, tenho a consciência do quanto é importante e necessário ler, e ler de tudo, porque a leitura amplia o nosso vocabulário, exercita a criatividade, abre a mente, além de enriquecer a nossa vida.”
3. “[...] nunca fiz ou participei de nenhum tipo de capacitação nesta área. Por isso, abraço esta oportunidade com bastante dedicação e empenho, pois dela depende a minha realização pessoal e profissional. Portanto, será através da mesma que me tornarei uma profissional mais preparada e qualificada, com uma qualidade de vida melhor, mas, principalmente com uma atuação diferenciada na sociedade.”
4. “Como mencionei antes, gosto de ler e esse hábito, adquirido desde o início dos anos 80, levou-me a escrever poesia. Tenho diversos poemas escritos, dentre eles, cito alguns dos meus primeiros poemas, *Medo*, *A imagem do silêncio* e *Sem medo do fim*.”
5. “Neste mesmo ano abriu inscrições para o Profucionário fui uma das primeiras a me inscrever, não queria perder a oportunidade de continuar estudando, e aqui estou tendo oportunidade de aprender ainda mais sobre o trabalho que desenvolvo, sintome orgulhosa por ter escolhido esse curso,[...]”.

(PTEE – Autobiografia)

Outro ponto relevante que torna o gênero envolvente e fazendo com que o locutor construa uma ponte com o seu interlocutor: o elemento emotivo e efetivo dos fatos construídos ao longo da descrição. Esse elemento, pois, leva o locutor compreender ser difícil falar de si mesmo e refletir sobre a sua imagem construída diante da sociedade. Por outro lado, o texto é para o escritor uma espécie de espelho autobiográfico: o eu diante de si mesmo, das suas verdades e fraquezas: um tremendo encontro consigo mesmo.



1. “Acho por bem abrir um parêntese aqui e comentar um pouco sobre algumas dificuldades enfrentadas, sobretudo nos anos de 2002 e 2003. Minha esposa teve nosso filho xxxx e, infelizmente adoeceu de depressão pós-parto. Fiquei completamente desmotivado de continuar o curso. Além da doença de xxxx, eu enfrentava outro grande problema: o desafio de sair da chamada zona de conforto, estava há anos sem estudar.”
2. “Lembro-me com alegria da infância, período que acredito ter sido o melhor da minha vida, pelo menos até agora.”
3. “ [...] então para surpresa de todos chega o dia tão esperado, ao nascer uma bela menina grita ao mundo, emocionando a toda família, nascida aos 10 de março de 1983 na cidade de Caicó- RN, com um nome de uma santa, promessa feita por minha tia,[...]”
4. “Ainda criança perdi meu pai e cinco anos depois perdi minha mãe vítima de um enfarto, foi muito difícil superar a falta deles, sentia muita tristeza e por falta de orientação parei até de estudar”.

(PTEE – Autobiografia)

Último ponto relevante, por fim, que permite ao escritor mergulhar em suas experiências e conseqüentemente se familiarizar com o seu interlocutor, tornando-se mais livre na escrita: o relato das suas experiências ou memórias. Entretanto, esse recurso é uma escolha do locutor, ou seja, não é uma exigência do gênero. Dessa forma, alguns locutores optam não relatarem suas memórias, sendo muitas vezes objetivos, contudo não falham quanto à forma e função do gênero.

1. “Desde muito jovem trabalhei para ajudar no sustento da casa, fazendo cocadas e sacolés (aqui no nordeste conhecido por dindin) para vender em casa e nas vizinhanças. Essas experiências de minha pré-adolescência contribuíram para meu amadurecimento e para aprender o valor do trabalho [...]”.
2. “Não me recordo de meus pais lerem livros para mim, mas tenho na lembrança as histórias fantásticas contadas por eles e por meus avós paternos e maternos, histórias essas que me faziam viajar por um mundo encantado, onde imaginava como seria cada lugar descritos por eles. Por isso acredito hoje gostar tanto de ler, principalmente: gibis, livros de historinhas infantis, a bíblia, livro de motivação e literaturas clássicas.”
3. “[...] fiz também o magistério e lembro-me com satisfação que sempre fui uma aluna que se destacava entre os melhores da sala em comportamento e em notas. Essa é uma lembrança boa que levo por toda minha vida”.
4. “Lembro-me, ainda bem viva em minha memória, das brincadeiras que marcaram minha infância, como: Jogo de castanha, jogo de bola, tica-cola, pau metila, vaquejadas infantis, acerta pedra, pega-ladrão, entre tantas outras brincadeiras que marcaram nossa infância com os amigos na época.”

(PTEE – Autobiografia)

A respeito dessa relação do locutor/interlocutor no processo da escrita, pontua Nestor (*op. cit.*: 05), “a escrita parece ser uma das principais pontes entre o *Eu* e o *Outro*.” Ela atrai ambos, e permite que a interação aconteça, deixando, nela própria, vestígios perenes desse encontro. Nesse processo interativo revelador do ethos, especificamente no gênero autobiografia, o eu ao construir sua imagem diante do outro, re(abre) diante dele mesmo suas recordações: suas memórias são reavaliadas por ele e conhecidas pelo seu interlocutor, se não dizer a partir da leitura: seu confidente.

### 3.1.1 Os gráficos

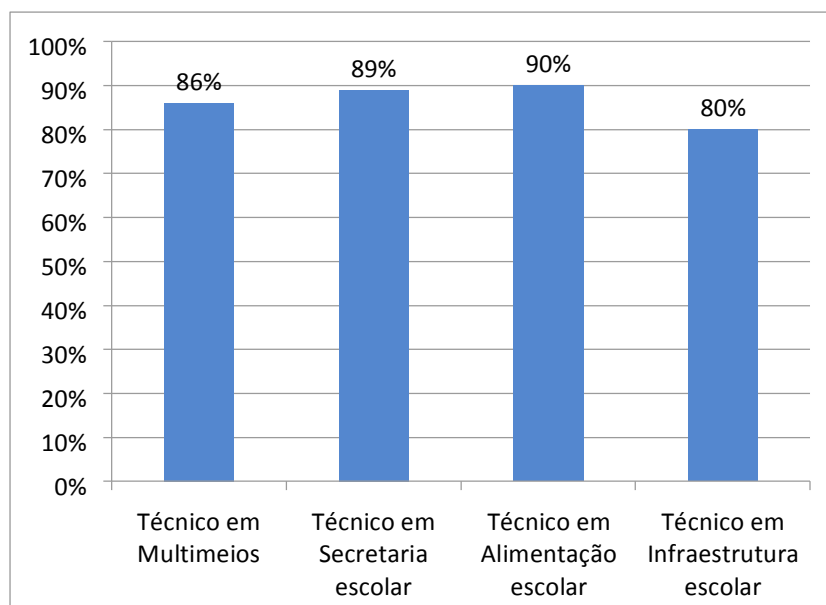
Abaixo é apresentado a tabela e gráfico que determinam por perfil profissional a produção do gênero pelos alunos. Ressalta-se, pois, que a execução ou não da atividade não está vinculada ao nível escolar dos cursistas.

TABELA 1: Total de alunos por curso e porcentagem dos que realizaram a autobiografia.

	Quant. de alunos matriculados	Alunos que realizaram a atividade	
Técnico em Multimeios	7	6	86%
Técnico em Secretaria Escolar	288	257	89%
Técnico em Alimentação Escolar	61	55	90%
Técnico em Infraestrutura Escolar	14	11	80%
<b>TOTAL</b>	<b>370</b>	<b>329</b>	

Fonte: Produção Textual na Educação Escolar (2013.2)

GRÁFICO 1: Produção textual dos alunos por perfil profissional.



Fonte: Produção Textual na Educação Escolar (2013.2)

Os dados mostram que houve uma participação significativa dos alunos na produção textual do gênero proposto.

### 3.2 EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS EM EAD: A DISCIPLINA PRODUÇÃO TEXTUAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A disciplina Produção Textual na Educação Escolar (PTEE) do Curso Técnico de Nível Médio Subsequente - Profucionário/IFRN no qual atuamos compõem o Núcleo de formação técnica geral e é comum às quatro formações propostas: técnico em Multimeios Didáticos, Secretaria Escolar, Alimentação Escolar e Infraestrutura Escolar.

Os alunos são oriundos do ambiente escolar, funcionários que trabalham nas escolas da rede pública e que já concluíram o ensino médio. Embora trabalhem nas escolas, muitos estão afastados do ambiente de sala de aula. A nossa reflexão vai, então, ao encontro da própria proposta de formação do curso. Pensar nesse “sujeito da formação e em formação” não só como funcionários qualificados, mas como educadores e cogestores da educação na escola.

A disciplina iniciou com uma equipe de seis tutores e um professor formador, todos com formação pós-graduada e experiência na EaD. O primeiro passo foi pensar em organizar a disciplina para “atender” um universo de 423 alunos. Uma turma heterogênea, diversificada, com diferentes níveis de conhecimento e com diversas expectativas em relação ao curso e à modalidade de ensino.

Para muitos essa modalidade de ensino é uma novidade e uma grande oportunidade. No entanto, enfrentam-se dificuldades causadas pela distância espaço-temporal entre professor e aluno e por ainda estarem conhecendo o ambiente sala de aula virtual e dominando os recursos tecnológicos.

As novas tecnologias da informação e comunicação têm sido um grande aliado para dirimir o espaço físico-temporal. A internet tem sido um grande facilitador nesse cenário virtual, permitindo através de programas e de ferramentas, acessar material didático, vídeos aula, interagir com professores e alunos em tempo reduzido, entre várias outras funcionalidades.

No entanto, cabe a nós professores que buscamos interagir com nossos alunos usar todo o aparato tecnológico disponível não só para disponibilização de material de ensino, mas para orientar, provocar e criar situações de aprendizagem com os alunos. Segundo Silva (2003, p. 57), “[...] um novo cenário digital comunicacional ganha centralidade. É a mudança de uma lógica da distribuição (transmissão) para lógica da comunicação (interatividade). A mensagem não é mais ‘emitida’, não é mais um mundo fechado, paralisado, imutável [...]”. Para o autor, o aluno deve ser estimulado a ser mais atuante.

Assumindo essa posição, procuramos usar além dos recursos tecnológicos disponíveis, abrir um canal direto com os alunos, mantendo uma comunicação aberta e frequente.

O ambiente virtual do curso oferece várias ferramentas que permitem organizar e gerenciar as várias formas de interação e de produção individual ou coletiva. Levando em conta o nosso público utilizamos os Fóruns em todas as unidades com o objetivo de estimular a participação, a interação aluno/professor - aluno/aluno e, conseqüentemente, a leitura e escrita. Outro meio de interação foi através do Café Virtual, ambiente livre para conversas, sugestões de livros, postagens de poemas etc.

Utilizamos, entretanto, outros recursos didáticos e atividades como os questionários, o envio de arquivo único e a modalidade avançada de carregamento de arquivo, todos com abordagem avaliativa. O questionário, por exemplo, chama a atenção por ser prático e objetivo, pois o aluno tem o *feedback* da atividade em tempo real. Já a atividade “arquivo único” e principalmente a “modalidade avançada de carregamento de arquivos” demandam mais tempo e trabalho. No entanto, são essenciais para o desenvolvimento da produção textual, pois possibilita que o professor/tutor faça as correções e observações no próprio arquivo enviado pelo aluno e o reenvie para novos ajustes, correções e reescrita do texto.

Essa prática, apesar de demandar tempo e trabalho, devido à quantidade significativa de textos produzidos, proporciona ao aluno uma reflexão crítica do seu próprio aprendizado, fazendo com que ele se sinta estimulado a escrever e reescrever.

O curso foi estruturado em cinco (05) módulos, com carga horária de 84h, distribuída em um período aproximado de três meses.

No primeiro módulo, estudamos o texto como registro das experiências pessoais. Vimos o que é um memorial e estudamos o gênero autobiografia. Identificamos algumas qualidades de um bom texto, como: clareza, coerência, precisão, concisão, objetividade e criatividade. Essas características foram discutidas e empregadas em textos que tratavam das suas experiências de vida, de valores e de concepções – a autobiografia. No segundo módulo, nos voltamos para a redação oficial. Estudamos a eficácia como qualidade essencial às comunicações oficiais. Também descobrimos que a carta foi a precursora dos documentos administrativos e aprendemos sobre os seus sucessores, o ofício, o requerimento e a solicitação. No terceiro módulo, tratamos da correspondência menos formal, os circulares, memorandos e, ainda, aprendemos como produzir e-mails. No quarto módulo, trabalhamos as funções, estruturas e características dos relatórios e atas como instrumentos de comunicação oficial. Por fim, no último módulo, conhecemos as tabelas e os gráficos, gêneros textuais de suma importância na organização de dados e na agilidade de transmissão de informações.

Em todos os módulos, além da mediação diária das atividades desenvolvidas no ambiente virtual, existiram plantões diários nos fóruns de dúvidas, nos horários estipulados por cada tutor/professor, para dar suporte aos alunos na realização das atividades e no envio pela plataforma. Veja a seguir alguns comentários postados por alunos.

1. Talvez seja cedo também para dizer, mas acredito que essa disciplina será muito proveitosa e prazerosa. Pois geralmente somos nós que cobramos respostas dos professores no que postamos nos fóruns, e você se mostrando tão presente, Particularmente era o impulso que eu estava precisando para continuar nesse curso. Obrigada!
2. Que boa iniciativa da sua parte a de estar conosco diariamente mesmo que em horários diferentes onde teremos a oportunidades de tirarmos dúvidas diárias acerca dos conteúdos estudados. Amei!

Fonte: Profuncionário/ PTEE

Dedicamos mais tempo ao primeiro módulo, por este tratar dos aspectos linguístico, textuais e discursivos responsáveis pela produção de bons textos, por apresentar a proposta de realizar o memorial que será retomado ao final do curso na

disciplina Prática Supervisionada e por trabalharmos e produzirmos o gênero autobiografia.

Foi solicitado aos alunos que produzissem:

“[...] a partir dos conteúdos estudados na UNIDADE I e inspirando-se no texto “Retrato de um libertador” (cf. FREITAS, 2002. p. 20) crie sua autobiografia. Primeiro, faça um roteiro, anotando os dados e fatos mais importantes, depois, mãos a obra. Segue algumas questões que podem ajudar a criar o seu roteiro”.

Profuncionário/ PTEE (2014)

No entanto, mesmo com um modelo a seguir – a biografia de Paulo Freire intitulada “Retrato de um libertador” -, nos deparamos com algumas dificuldades próprias da escrita e com questões subjetivas que envolviam a análise crítica e reflexiva de si mesmo. Alguns relataram que não havia nada muito significativo para “contar”.

Compreendemos que talvez a trajetória de vida de Paulo Freire apresentada no modelo dado tenha constrangido alguns de falar de si mesmo, pois o educador apesar de ter vivenciado a dura realidade das classes populares em uma das regiões mais pobres do país, é reconhecido mundialmente pelos seus feitos e pela sua filosofia educativa. Recebeu numerosas homenagens, tem o seu nome adotado por várias instituições e é cidadão honorário de várias cidades no Brasil e no exterior.

Diante dessa situação e não menos importante, enviamos aos alunos, pela plataforma, a biografia de um senhor northeriograndsense de 90 anos, nascido no interior do estado e que assim como Paulo Freire nasceu em 1921. Ele era um homem simples, trabalhador e com muita sabedoria.

Percebe-se que a leitura de (auto)biografias protagonizada por outras pessoas motivou várias reflexões e a produção do gênero, pois recebemos excelentes trabalhos produzidos pelos alunos. Mais de 80 por cento dos alunos cumpriram a atividade.

## CONCLUSÃO

A prática da escrita tornou-se desafiante à educação, ao ensino de língua portuguesa. À vista disso, precisa-se (re) pensar nessa prática tanto entre docentes quanto entre alunos: deve-se compreender que a escrita é uma modalidade social como a leitura. Além disso, essas duas modalidades estão imbricadas e sobrepostas, sendo obrigatório o exercício dessas duas habilidades. Conforme declara Garcez (2008. p. 02), “O que vai determinar o nosso grau de familiaridade é o modo como aprendemos a escrever, a importância que o texto escrito tem para nós e para nosso grupo social, a intensidade do convívio estabelecido com o texto escrito e a frequência com que escrevemos.” O hábito da escrita/leitura, pois, deve ser vista pela sociedade como uma necessidade para que haja uma frutuosa comunicação e que esse hábito não se adquira apenas pela compreensão de regras gramaticais, mas também pelas experiências com outros textos que lemos no decorrer da nossa vida. Com o intuito de acreditar nessa prática, tanto professores quanto alunos devem assumir uma postura valorativa diante da escrita/leitura

tornando-as como um exercício ora cheio de prazer ora árduo. Dessa forma, necessita-se criar estratégias para que os alunos despertem para esse hábito.

Em vista disso, propor-se aos cursistas um primeiro contato com o gênero discursivo autobiografia, inserindo-o num contexto social, fazendo-o compreender seu papel como locutor e a importância de fazer-se entender ao seu interlocutor. Pois pontua Garcez (*op. cit.*: 09), “A escrita não é apenas uma oportunidade para que a pessoa mostre, comunique o que sabe, mas também para que descubra que é, o que pensa, o que quer, em que acredita”.

Entretanto um desafio em princípio surge: como fazer com o aluno da modalidade a distância tenha uma experiência rica com o processo de ensinoaprendizagem de leitura e produção textuais mediado pela tecnologia? Promover-se algumas aulas presenciais para suprir algumas dificuldades que surjam pelo caminho? Ainda desconhece-se a resposta. O que importa é favorecer e promover ambientes para que essa aprendizagem seja alcançada, não tendo o texto como pretexto, mas contribuindo para que o cursista desperte ao pensamento crítico e autônomo. Não deve-se esquecer, logo, que a modalidade escrita seguida da leitura é o meio na educação a distância que interagimos, e aperfeiçoá-las repercutirá numa relevante contribuição ao ensino a distância. Concomitante objetiva os PCN (1998, p. 27).

[...] uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva.

Ampliar a competência discursiva dos alunos, especialmente no âmbito a distância é desafiante, contudo docentes e discentes precisam fazer a experiência de criar hábitos de escrita/leitura para que não caiam nos mitos que a boa escrita é um dom, inspiração, que exige apenas o cumprimento de regrinhas facilitadoras ou a fixação de frases prontas. Necessita-se, portanto, nesta modalidade criar o hábito autônomo da escrita/leitura, ora por prazer ora por pesar.

## REFERÊNCIAS

COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. Veredas On Line: ENSINO, Juiz de Fora, n. 2, p.78-86, 2007.

CRUSE, RUI; FONTES, Arlinda. A escrita e o papel do professor. **CENÁRIOS**. V.1, n. 2. Porto Alegre: Ed UniRitter. 2010. p 1-9.

FREITAS, Olga. Produção Textual na Educação Escolar. 4. ed. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso/Rede e-Tec Brasil, 2012.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de Redação: O que é preciso saber bem escrever**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2008. p 1-12.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

NESTOR, Paulo Henrique do Espírito Santo. O ETHOS E A DIMENSÃO PRÁTICA DA ESCRITA. **Edipe**, Goiás (Goiânia), p.1-10, 2011.

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. 3.º e 4.º ciclos. Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

PORTAL DO PROFESSOR. 2012. Disponível em:  
<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=14303>> Acesso em: 30 jul. 2014.

ZABALZA, M.A. Diários de aula: contributo para o estudo de dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Orientações Gerais. 4. ed. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso/Rede eTec Brasil, 2012.